

Camila Moreira

As
CORES
do **AMOR**
~

**PA
PA
PA
PA**

Copyright © 2017 by Camila Moreira

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Thiago de Barros

IMAGEM DE CAPA jacoblund/ iStock

PREPARAÇÃO Natalia Engler

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moreira, Camila

As cores do amor / Camila Moreira. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2017.

ISBN 978-85-8439-082-3

1. Ficção brasileira I. Título.

17-05286

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

*Para Apollo.
Te amarei até depois
que meu coração parar de bater.*

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

Prólogo

INFÂNCIA

“Papai! Papai!”

Meu pai quase nunca me buscava, por isso fiquei muito feliz quando o vi estacionando a caminhonete na porta da escola.

Assim que ele desceu do carro, corri para mostrar o desenho que tinha feito. Tivemos aula de artes, e a pintura que fiz foi escolhida a segunda mais bonita. Só a da Luiza ficou melhor que a minha, mas a tia disse que mesmo assim a minha estava muito boa.

Ele me esperava no portão. Usava um chapéu grande e uma camisa preta. Corri até ele e o abracei, agarrando suas pernas.

Meu pai não me olhou.

Ele não parecia muito feliz. Talvez, se eu mostrasse a minha pintura, ele sorrisse para mim.

“Olha meu desenho. A tia disse que é um dos mais lindos da sala.”

Ele pegou a folha da minha mão com tanta força que quase a rasgou.

“Só duas estrelinhas?”, perguntou, um pouco bravo. Não entendia por que ele estava com tanta raiva.

Abaixei a cabeça, envergonhado. Talvez assim ele não brigasse muito comigo.

“O da Luiza foi melhor que o meu”, respondi, explicando por que eu não tinha ganhado três estrelas.

Apontei para minha coleguinha e meu pai me puxou pelo braço. Doeu um pouco.

“Aquela pretinha ali?”, perguntou.

Papai fez uma careta, e eu sabia que era por causa da cor da Luiza; ele sempre fazia isso com as pessoas de cor diferente. Mas eu nunca entendia por quê.

Balancei a cabeça, só que ele não viu. Meu pai parecia tão bravo que escondi

o desenho na mochila. Tive medo de apanhar de novo. No dia anterior ele havia me batido porque eu estava brincando no quintal do seu Joaquim. Ele disse que eu não podia ficar com as pessoas que não tinham a mesma cor que a minha, mas seu Joaquim era bonzinho e sempre me dava picolé. Eu gostava dele.

“Você deixou uma pretinha ganhar de você, Henrique? Você é muito fraco mesmo, nem parece meu filho.”

Queria chorar, mas também não podia, porque homem não chora. Nunca.

“Mas eu sou seu filho.”

Suas palavras me deixaram triste, então virei o rosto para que ele não me visse chorando.

Ele apertou meu braço novamente e me puxou para entrar na caminhonete.

“Ainda tenho minhas dúvidas. Vamos logo, já fiquei tempo demais nessa senzala.”

Pela janela, fiquei olhando Luiza se divertindo com as outras crianças na porta da escola. Eu nunca entendia por que só eu não podia brincar com elas.

Meu pai me proibia de fazer um monte de coisas, e eu sempre obedecia. E estava sempre tão bravo comigo que um dia perguntei a minha mãe por que ele não me amava. Mamãe respondeu que aquele era o jeito dele, mas que eu era seu único filho e ele me amava muito.

Olhei para o lado e vi o rosto dele. Fiquei com muito medo. Papai sempre tinha razão quando brigava comigo: não sou um bom garoto.

Acho que a mamãe mentiu para mim!

1

HENRIQUE

20 anos depois

— Quem é aquela dançando com a Pietra e a Mari? — perguntei ao Pedro, sem desviar os olhos da bela mulher na minha frente. Algo nela me atraía de uma forma singular. Passei a observá-la com atenção. Tinha um sorriso encantador. Dançava de forma sensual, totalmente livre, no meio de dezenas de pessoas que pareciam insignificantes à sua volta. Seus movimentos me deixaram louco para desvendá-la, para despi-la e, talvez, saciá-la. O vestido amarelo esvoaçante ia até os joelhos e contrastava com a cor da pele, como se fosse o sol iluminando a noite.

Pedro seguiu meu olhar e sorriu ao ver a Mariana. O babaca nem sequer me respondeu. E eu pensando que ele ficaria menos idiota depois do casamento. Ledo engano. Pedro era o exemplo de como um homem não se transforma por uma mulher. Apaixonado pela Mariana desde que a garota tinha treze anos, ele passou muito tempo tentando esconder esse amor, já que a menina era quase uma irmã para Lucas, mas não deu certo. No fim, os dois acabaram ficando juntos.

— Aquela é a Sílvia, colega de faculdade da Pietra. Você não viu no altar, cara? Ela era uma das madrinhas.

Enfim alguém com um pouco mais de sanidade resolvera me responder. Se bem que o Lucas estava indo pelo mesmo caminho do amigo.

Neguei, porque não tinha reparado nas madrinhas da Pietra. Apesar de ter caído de paraquedas no altar, gostei de presenciar a aposentadoria de um dos maiores pegadores que já conheci: sobrariam mais mulheres para mim.

Olhei de novo para a pista e fui pego em flagrante. Ela também me encarava, mas desviou no momento em que nossos olhares se cruzaram. Parecia envergonhada.

A mulher era gostosa, eu tinha que admitir. Nunca havia me interessado por alguém como ela, mas não podia negar: a garota tinha me atraído. Alta, corpão, do jeito que eu gostava. Boca carnuda e seios que me fizeram passar a língua pelos lábios. Olhos expressivos, sorriso encantador. Tinha um *porém*: a garota era negra. Para mim não tinha problema algum, mas nem pensar em apresentar ao meu pai, ou o barraco estaria armado.

Desde criança nunca me misturava com *pessoas de cor*. Exigências do sr. Enzo Montolvani. E assim eu cresci: vivendo no mundo perfeito que fora criado para mim. Inconscientemente, acabei levando para a vida as regras do coronel. Mas a Sílvia havia chamado minha atenção, e eu seria muito otário se perdesse uma oportunidade como aquela.

Pedro se afastou e eu troquei algumas palavras com o Lucas. Conversamos sobre o futuro e sobre como ele estava animado com um projeto da Pietra. Até tentou me explicar o que a esposa vinha aprontando, mas minha cabeça estava em outro lugar. Em outra mulher, para ser mais específico.

No passado, eu e Lucas não íamos um com a cara do outro. Por ser um dos poucos veterinários da região, era muito conhecido. Além disso, sempre cultivou uma fama invejável entre o sexo feminino. Acho que no fundo existia uma rixa para ver quem pegava mais mulheres na cidade, por isso nossos santos não batiam. Mas, assim que Pietra chegou por essas bandas, tudo mudou. No início nossa relação ficou ainda pior, por culpa do ciúme dele, porém, depois do acidente que quase o deixou paraplégico, começamos a nos dar bem.

Fiquei desesperado naquele dia.

Lucas montou em um touro na fazenda do meu pai, mas não conseguiu se segurar em cima do animal e acabou caindo. Ele não sentia as pernas; todo mundo estava muito aflito, inclusive eu. Tudo o que eu queria era ajudá-lo para que as consequências do acidente não fossem ainda piores.

Fiz um curso de primeiros socorros assim que instalei a arena de

treinos na fazenda, há alguns anos, por isso fui o primeiro a socorrê-lo. Desde então, temos mantido uma relação saudável, posso até dizer que hoje somos amigos. Lucas e Pietra passaram a fazer parte da minha vida.

Ainda pensava em tudo o que havia acontecido nos últimos anos quando Pietra chamou Lucas. Ele se despediu com um tapinha nas minhas costas e partiu na direção da esposa. Não desviaram o olhar enquanto se aproximavam. E, quando enfim se encontraram, sorriram um para o outro. Em seguida, ela segurou no pescoço dele e o beijou. O gesto dos dois foi interrompido por um fotógrafo, e, ao se afastar, Pietra piscou para mim com cumplicidade, agradecendo minha ajuda para laçar o Lucas.

A lembrança me fez sorrir.

Pouco tempo depois que chego à cidade, Pietra pôs na cabeça que queria o Lucas. Eu achava que ela merecia coisa melhor, como eu, por exemplo, mas ela se mostrou determinada. Foi quando descobri que a patricinha tinha uma personalidade forte e decidida. Pietra me chamou para fazer parte do plano “segura peão”, uma estratégia para amarrar o Lucas. Fingi ser seu namorado por um tempo. Acho que deu certo — ou não, depende do ponto de vista, já que eu não era o cara mais indicado para falar de relacionamentos.

Casamento! Uma palavra que com certeza estava riscada do meu vocabulário. Não me via no lugar do Lucas ou do Pedro. Na verdade, eu nem sabia se um dia seria capaz de formar uma família. Não levava jeito para isso, mas também não me considerava um cafajeste sem escrúpulos, ou um galinha, como muitas mulheres me chamavam.

Minhas relações amorosas eram superficiais porque as mulheres com quem costumava me envolver eram assim. Engana-se quem pensa que mulher também não vê o homem como objeto. Várias vezes me senti não muito mais que um pedaço de carne usado para satisfazer os desejos femininos. Mas não me importava muito, cada um tem que aproveitar as qualidades que possui. E eu não tinha do que reclamar.

O problema era quando elas queriam mais. Quando alguma delas, depois de saber onde tinha se metido, resolvia que estava apaixonada. Bem, aí já era tarde demais. Estava acostumado a apenas foder, e não desejava de forma nenhuma ser o fodido da história. Porque relaciona-

mentos não significavam nada para mim. Durante anos eu testemunhara a bosta que era o casamento doentio dos meus pais.

Um movimento na pista de dança chamou a minha atenção. Quando vi a garota que eu queria se afastando das meninas, disfarçadamente segui seus passos.

Admirei a beleza do lugar, nem parecia que era no meio do mato. Estávamos na fazenda Girassol comemorando o “enforcamento” do Lucas. O cara se deixara laçar pela menina da cidade grande, e isso me rendia um sermão por dia, todos vindos do meu pai, que repetia como Lucas tinha sido esperto em ficar com a Pietra. Como faria um bom casamento. Que eu deveria ter ficado com a Pietra. Que ela faria de mim o homem mais rico da região. E *blá-blá-blá...*

Pietra é a única herdeira de Roberto Braga. Além disso, a Girassol é uma das fazendas mais extensas que conheço, perde apenas para a do meu pai. Acontece que ele não entende que eu e Pietra nunca tivemos nada, a não ser o pequeno romance de mentira, que funcionou muito bem para ela. Lucas pensou que perderia a garota e acabou aceitando o que todos já sabiam: que o peão e a patricinha ficariam juntos.

Todos, menos meu pai.

Quando Pietra chegou, ele achou que ela seria a grande oportunidade para aumentar seu império. Não bastava ser o maior fazendeiro da região — meu pai queria sempre mais. Como sou seu único filho, sempre acabo fazendo suas vontades. Mas não daquela vez. Pietra era do Lucas e eu não compraria uma briga só para satisfazer o velho. Resultado: mais uma vez ele tinha se decepcionado comigo, e não perdia a oportunidade de esfregar esse fracasso na minha cara.

Enquanto divagava sobre as paranoias do meu pai, uma voz chamou minha atenção.

— Procurando alguém?

Nem precisei me virar, já sabia quem era. Não sei como, mas sabia. Era como se já a conhecesse. A voz delicada me causou arrepios, daqueles que em geral antecedem uma deliciosa foda. A garota fez a pergunta de forma maliciosa, porque sabia exatamente quem eu estava procurando. Ela me parecia familiar, o que era impossível — eu jamais esqueceria uma mulher tão linda.

— Não sei... Me diz você — respondi à pergunta com uma pitada de sarcasmo.

Virei e prendi a respiração. Ela mordida o lábio inferior e me encarava como se eu fosse a última coca-cola do deserto. Passou as mãos pelos cabelos, e eu observei seus movimentos. Os cabelos eram curtos, pretos e cacheados. O sorriso era largo, com os dentes brancos contrastando com a pele escura. O corpo era escultural, cheio de curvas, e tive vontade de desvendar cada uma delas, como se fossem o verdadeiro caminho da perdição.

Da minha perdição!

— Prazer, Sílvia, mas pode me chamar de Sil...

A garota estendeu a mão e me cumprimentou. Na certa tomou a iniciativa porque eu estava parado como um palerma na sua frente.

— Muito prazer... — disse a última palavra bem devagar, pois queria que ela soubesse que era mesmo um prazer conhecê-la. — Meu nome é Henrique.

Ela me olhou de cima a baixo, analisando, e fiz o mesmo. Era uma jogadora, assim como eu. Gosto de garotas com personalidade e que sabem o que querem. E Sílvia me queria. *Isso era fato!*

— Então, Henrique. Que tal cortar o papo furado e ir ao que interessa? Por que veio atrás de mim? — perguntou, com ar de superioridade.

Ops! Por essa eu não esperava.

Certo, a situação me agradava, mas confesso que a atitude dela me fez retroceder um pouco. Não estava acostumado a ser confrontado, muito menos por uma mulher. As rédeas sempre ficavam nas minhas mãos, era eu quem geralmente controlava a situação. Resolvi abrir mão disso, pelo menos naquela noite. Queria ver até onde a audácia dela iria.

— Você é muito observadora. — Sorri. — Como descobriu que estou atrás de você?

Resolvi jogar limpo. A tensão entre nós era palpável, a energia que nos envolvia era capaz de iluminar a festa. Eu precisava sentir seus lábios colados aos meus. Acho que nunca ansiara tanto por um beijo como naquele momento.

Diminuí a distância entre nós e achei que aquela mulher, com uma personalidade tão peculiar, iria se afastar de mim. Mas estava errado: ela

se manteve imóvel. E mais uma vez eu gostei. Primeiro porque eu não precisaria me esforçar muito. Segundo, como era óbvio que Sílvia estava receptiva, a noite terminaria bem. De preferência comigo enterrado no meio das pernas dela.

— Porque estou te observando desde que você subiu no altar.

Depois de responder, deu dois passos na minha direção, eliminando toda a distância entre nós.

Sua declaração foi uma surpresa, e eu fiquei pensando onde estava com a cabeça que não a vira no altar. Mas isso não importava, porque Sílvia me encarava com desejo. Eu reconhecia muito bem o que ela queria, ansiávamos pela mesma coisa: sexo.

— Quero te beijar — confessei de cara, já cansado daquela brincadeira.

— E por que eu beijaria um estranho? — questionou, ainda mais atrevida.

Enlacei sua cintura com uma das mãos, levei a outra em direção à nuca e trouxe seu corpo tentador para junto do meu. Os olhos de Sílvia se arregalaram e um brilho diferente surgiu em seu olhar, como se labaredas enfeitassem as pupilas. Desejei que todo o corpo fosse tão quente quanto o que os olhos transpareciam.

— Porque não existe maneira melhor de me conhecer.

Foi a última frase que pronunciei antes de me entregar a um dos melhores beijos da minha vida.

2

HENRIQUE

— Não quero saber das suas desculpas, Henrique! Está na hora de você assumir o que te pertence. Você precisa crescer e entender que nossa família lutou por cada pedaço de terra que temos hoje.

Muito irritado, meu pai usava todos os argumentos que tinha para me convencer. As veias saltavam na testa, em meio às rugas que a idade lhe trouxera, revelando toda a raiva que sentia de mim. Sempre achei que me odiasse, mas me aturava por eu ser seu único filho.

— Chega! — gritei. Não aguentaria ouvir mais uma vez o quanto minha família havia lutado para conquistar o que tínhamos hoje. — Não adianta contar toda essa história de novo. Eu sei de cor e salteado o quanto seu avô lutou pra conseguir suas terras quando chegou da Itália e o que meu avô passou pra manter tudo isso, mas essa vida não é pra mim.

Tentava mais uma vez convencer meu pai de que ser fazendeiro e cuidar das terras da família não era a minha praia. Eu olhava para todos aqueles papéis em cima da mesa, no escritório da fazenda, e me sentia deslocado. Aquelas paredes, aquelas pastas, aquele lugar, tudo me sufocava. O velho não entendia que me obrigar a administrar sua fortuna era o mesmo que me matar aos poucos.

— E vai fazer o quê? Viver às minhas custas o resto da vida? — disse, com a arrogância de sempre.

Toda vez que brigávamos era a mesma coisa. Meu pai jogava na minha cara que eu era um sanguessuga, o que me deixava ainda mais irritado. Eu sabia que não era verdade, mas ele fazia questão de deturpar minhas escolhas e jogá-las contra mim.

— Isso não é verdade, e você sabe disso. O senhor que me obrigou

a voltar, pai. Eu sempre detestei isto aqui. Sempre odiei esta fazenda. E depois que minha mãe...

Engoli em seco, sem querer falar dela.

Estávamos em pé, na sala. À nossa volta, os móveis rústicos de madeira entalhada deixavam o ambiente pesado, pelo menos para mim, já que traziam lembranças da minha infância e adolescência. Meu pai ostentava com orgulho cada cadeira que enfeitava o lugar, o que aumentava ainda mais o meu ódio por aquela fazenda, porque ele dava mais valor a ela do que a qualquer coisa na vida.

O único local que me trazia boas recordações era o jardim, lugar em que minha mãe passava a maior parte do dia. E onde ouvia suas histórias sem que meu pai soubesse. Ele ficaria louco se descobrisse que ela “enfiava caraminholas na minha cabeça”, como dizia.

Afastei a lembrança da minha mãe e voltei à realidade.

Meu pai ainda me encarava. Não nos movemos enquanto discutíamos. Ambos com a postura firme, de quem não cederia. Ele era um cabeça-dura, mas eu conseguia ser ainda mais teimoso. Acho que esse era o motivo de nossas brigas constantes. Meu pai sempre dizia que eu era um projeto que deu errado. Isso não me magoava, não mais. Quando eu era criança, sim. Sofria muito. Nada que eu fizesse era bom o bastante. Se tirava um nove, ele queria um dez. Se tirava um dez, ele desdenhava da minha capacidade. Implicava com tudo que eu aprendia, me ridicularizava e me humilhava sem parar. Enzo dizia que assim eu aprenderia a ser um homem de verdade.

Na adolescência, eu me sentia rejeitado. Ele nunca estava em casa e, quando chegava, o único assunto que tinha comigo era sobre o herdeiro da fazenda vizinha, que conseguia cuidar do gado ou dirigir as máquinas da lavoura, enquanto eu jogava futebol e estudava para um vestibular que nunca cheguei a prestar, porque ele não deixou. Ele nunca admitiria um filho engenheiro. Eu tinha três opções: veterinária, agronomia ou administração. Nenhuma me agradava, pois eu sabia que me levariam a uma vida que não queria. Era um caminho sem volta, mas na época não tive escolha — eu nunca tive. Então, cursei administração com Rodrigo, meu melhor amigo, que também fez para agradar ao pai. Éramos dois fodidos, sem controle sobre nossas vidas. Mas havia me acostumado com aquela

situação, já que meu pai me submetia a suas vontades desde que eu me entendia por gente. Nada era feito sem sua aprovação: o que eu lia, os brinquedos que tinha, os programas de tv a que assistia, os amigos que fazia, os lugares que visitava. Tudo tinha que passar pelo rígido controle do coronel.

Na faculdade, eu me rebelei. Estava fazendo algo contra minha vontade e levei os quatro anos de curso nas coxas. Rodrigo se empenhou mais, se adaptou e até passou a gostar do curso, embora sua grande paixão fosse o rodeio. Ele sonhava em rodar o país em cima de um touro. Enquanto Rodrigo fazia os trabalhos por nós dois, eu farreava. Bebia e transava como se não houvesse amanhã. Peguei tanta mulher que nem conseguia mais me lembrar do rosto de todas. Nomes, então, fora de cogitação. Era só dar mole que eu comia mesmo. *Era o que eu queria, era o que elas queriam*, então tudo funcionava bem.

Levei essa vidinha medíocre durante os quatro anos de faculdade, mas tudo ficou pior com a morte da minha mãe. Aconteceu no ano em que me formei. Apesar de ser submissa por completo ao velho, ela se arriscava para me defender. Eu sentia nas suas pequenas demonstrações de carinho o quanto me amava. Ela era linda com os cabelos grisalhos, uma beleza natural. Os olhos brilhavam sempre que sorria. Infelizmente, era sempre anulada pelo meu pai. Não tinha vida, vivia para ele, para atender aos caprichos e aos desejos do marido. Existia para servir o velho. Enquanto viveu, foi quase uma empregada. Ele a exibia como um troféu. Ele a mantinha sob seu poder.

Lembro que sempre íamos à missa aos domingos. Nossos lugares na pequena capela da cidade nunca estavam ocupados, mesmo quando ela estava cheia. Meu pai dava grandes contribuições para as obras da igreja e todos olhavam nossa família como se fôssemos um exemplo. Minha mãe, sempre impecável, sorria para todos, simulando uma felicidade que não sentia. Eu sempre estava vestido como o pequeno herdeiro que era, ao lado do meu pai, que afirmava a autoridade perante toda a comunidade.

Minha mãe morreu dormindo, um ataque cardíaco fulminante. Acho que seu coração não suportou tanta tristeza. Ela dizia que, no início, amava meu pai. Era apaixonada pela perseverança e pela paixão que tra-

zia nos olhos. Mas, aos poucos, ele passou a ignorar a mulher que tinha, e minha mãe foi murchando, como uma flor que não é regada. Ela entregou seu amor ao velho e acabou com o coração partido. Assim, aprendi a não acreditar nesse sentimento, a não entregar minha felicidade nas mãos de outra pessoa, não depender de alguém para sorrir.

Sofri muito com sua partida e me senti ainda mais perdido e sem rumo.

Meu pai seguiu impassível, como se não tivesse acabado de perder a esposa, a mãe do seu único filho e aquela que o serviu em silêncio até o último segundo da sua vida. E isso me deixava com ainda mais ódio dele. O desgraçado nem sequer parou de trabalhar no dia do velório. Fez transações e negociações assim que chegamos do enterro. Tive vontade de explodir e quebrar a cara dele, mas lembrei que acima de tudo era meu pai e, mesmo que não merecesse, eu teria que respeitá-lo. Fora criado para isso.

Eu estava no meu limite. Suas insinuações me deixavam louco.

— Não vivo às suas custas. Sobrevivo com a herança que minha mãe me deixou e tenho um trabalho.

Minha tentativa de esclarecer foi em vão. A cara de desprezo do meu pai quando falei do meu trabalho era exatamente o que eu não queria ver, por isso me mantinha longe. Apesar de tudo, ainda tinha esperança de que ele me aceitasse, mas ela se esvaía a cada briga.

Terminei a faculdade e voltei para casa, mas não consegui viver muito tempo sob o mesmo teto que o meu pai. Então me mudei para a antiga casa dos meus avós maternos. Se já era ruim demais viver na mesma cidade, morar sob o mesmo teto tinha sido um inferno. Minha mudança gerou ainda mais problemas: o filho do barão da soja vivendo em um casebre, quando tinha uma mansão a seu dispor.

Tentei desviar do meu pai para chegar até a porta, mas ele se meteu na minha frente. Ficou parado, olhando com altivez, prepotência, tentando me fazer recuar, como fazia quando eu era criança, quando conseguia tudo de mim apenas com um olhar... *Menos o meu sorriso.*

— Quer dizer que lavar carros agora é emprego? Faça-me o favor, Henrique. Você não é mais um moleque pra esse tipo de brincadeiras.

Ele sorriu com sarcasmo ao falar do meu trabalho, confirmando o

que eu já desconfiava. O coronel havia descoberto sobre o meu emprego. Seu comentário não me atingia; diminuir tudo o que eu fazia e as pessoas com quem me relacionava era sua especialidade. Ele queria escolher até os meus amigos, que deveriam ser os filhos exemplares dos seus aliados, os fazendeiros ricos e coronéis das cidades vizinhas. Afastava todos que não se encaixavam em seu mundo perfeito.

Desviei do meu pai, caminhei até a porta e a abri, pronto para ir embora. Minha caminhonete estava estacionada em frente à casa. Ouvei os passos acelerados, as botas batendo no chão e a respiração pesada atrás de mim. Parecia um touro pronto para destruir tudo o que estivesse na frente, mas a verdade era que eu já estava destruído. Não havia mais nada para ser quebrado. Meu pai me deixara em pedaços havia muito tempo. Cada gesto negativo que recebi... cada humilhação que ouvi... cada tapa que ardeu no meu rosto... cada lágrima que queimou nos meus olhos construíram o Henrique que sou hoje. Totalmente fodido e sem perspectiva de nada. Vejo as pessoas planejando o futuro, realizando sonhos, enquanto tudo o que desejo é viver mais um dia sem ter que dar satisfação a ninguém.

Meu pai segurou meu braço e me fez parar. Olhei nos seus olhos e desejei que percebesse o que fazia comigo, que entendesse o quanto essas discussões me tiravam do sério.

Desde criança eu sempre tentara agradá-lo, ainda que fosse impossível satisfazê-lo por completo. Fazia de tudo para chamar a sua atenção, para receber um elogio, algo quase impossível de acontecer. Com o tempo, a raiva passou a me dominar e comecei a ignorá-lo, já que bater de frente com o velho era impossível. Nos últimos anos, vinha tentando deixar a mágoa de lado e fazê-lo entender que tudo o que temos é um ao outro. Mas não conseguia, toda tentativa de aproximação terminava em briga.

Fiz questão de levar meu pai ao casamento do Lucas, não queria que ele se sentisse excluído. Eu era a única família que ele tinha, e isso não iria mudar. *Mas, porra*, era assim que ele me agradecia?! Com mais cobranças, mais insultos e mais chantagens?! Estava cansado dessa merda! Tinha ido à fazenda só para dar uma carona pra ele e, como sempre, acabamos discutindo.

— Eu não lavo carros, eu conserto, se o senhor não sabe a diferença. E faço isso muito bem. Por que você não consegue me escutar? Por que não me deixa fazer o que gosto? Para de se meter na minha vida!

Apesar de todos me verem como um filhinho de papai, eu não era. Nem de longe. Pelo menos não mais. Na época da faculdade, sim, aproveitei bastante o dinheiro dele. Cansei de dar festas regadas a muita bebida e sexo no meu apartamento. Experimentei várias drogas e fiz muita besteira. Sorte que Rodrigo me ajudou a sair dessa vida antes que eu enlouquecesse por completo. Sempre serei grato a ele por isso. Revoltado como estava, com certeza acabaria em uma vala qualquer, com um tiro no meio da testa.

Quando terminei a faculdade e me recusei a administrar a fazenda, meu pai cortou minha mesada. Então passei a usar o dinheiro que minha mãe me deixara. Foi aí que consegui um bico para trabalhar com minha paixão: carros. Adorava tudo que se relacionava a motores e passei a ajudar na única oficina da cidade. Poucas pessoas sabiam disso, talvez só Carlito, o proprietário da oficina, Rodrigo e mais uns dois amigos. O salário era péssimo, não dava para nada, mas no interior eu não precisava de muito, conseguia me virar.

No fundo, odiava tudo: as discussões com meu pai, aquela cidade e, sobretudo, a vida que levava. Só não ia embora porque o maldito me chantageava com sua doença.

Fazia dois anos que meu pai vinha tratando um câncer no pâncreas, e eu permaneci ao seu lado. Mas, nos últimos meses, o tumor que achávamos ter desaparecido voltou. A quimioterapia não fazia mais o efeito de antes, e a expectativa de vida dele havia caído de forma drástica. Não sabíamos mais quanto tempo ele viveria, e era esse o motivo de suas implicações terem aumentado muito ultimamente. E era também a única razão para eu não ter jogado tudo pelos ares e ido embora.

— Eu vou morrer! E o que vai ser disso tudo? — Ele abriu os braços no ar, apontando as terras à nossa volta. — Você é meu único filho, Henrique. Você tem que assumir o que é seu.

Suspirei alto. Apesar de não querer mais olhar para a cara do coronel ditador, não podia abandoná-lo quando ele mais precisava de mim. Meu pai havia tentado de tudo, mas descobriu que nem toda a fortuna que

tinha era capaz de trazer sua saúde de volta. Éramos só nós dois. Então, mais uma vez, eu cedi.

— Vou pensar, o.k.?! Não prometo nada — disse, sem convicção.

Enquanto eu entrava na caminhonete, vi o sorriso de vitória em seu rosto.

No caminho de volta para a cidade, pensei na minha vida. Eu representava bem o papel de playboy perdido na cidadezinha do interior, embora, no fundo, ninguém soubesse o que eu passava todos os dias. Por fora, eu era a imagem do homem perfeito: bonito, rico, desejado e conquistador. Mas por dentro eu não era nada, não tinha sonhos ou objetivos.

Antes de ir para casa, passei no Taurus. Estava vazio. Raquel tinha ido ao casamento, então provavelmente precisou abrir o bar um pouco mais tarde. O lugar era legal, um dos únicos que valia a pena frequentar naquele fim de mundo.

Quando cheguei, cumprimentei algumas pessoas, mas não dei muita conversa para ninguém. Sentei no bar e Raquel veio me servir.

— Uma cerveja pro padrinho? — perguntou, sorridente.

Eu ainda estava com a roupa do casamento, mas sem o paletó e a gravata.

— Sim, por favor. Achei que não abriria hoje.

O salão estava sendo tomado por casais. Como sempre, o sertanejo predominava no ambiente. Era gostoso de ouvir, mas de vez em quando eu sentia falta do rock da época da faculdade.

— Por que não? — Deu de ombros. — Não é porque o Ranger está casando que eu tenho que parar minha vida — disse, com naturalidade, mas pude sentir uma pitada de tristeza em sua voz.

Ela me entregou uma garrafa de cerveja e, com um guardanapo, secou as gotas que caíram e molharam o balcão. Encarei-a, era evidente que não estava tão feliz como de costume. Não costumava me intrometer muito na vida dos outros, por isso fiquei surpreso com a vontade que senti de consolá-la.

— Como você tá? — perguntei. Sabia que ela e Lucas haviam mantido uma relação por anos, apesar de nenhum dos dois assumir nada. Acho que era algo como foda marcada... Sexo sem compromisso... Amizade colorida...

— Vou sobreviver — respondeu, abrindo um sorriso. — Nem se eu quisesse conseguiria competir com a patricinha. Eles foram feitos um pro outro.

Apesar de querer parecer forte, era fácil notar que estava triste. Mas eu concordava com a Raquel. Se acreditasse nessa baboseira de almas gêmeas, diria que Lucas tinha encontrado a sua. De um jeito inusitado, Pietra o completava.

— E você, como andam as coisas? Muita pegação?

Raquel não tinha papas na língua e sempre falava o que dava na telha, mesmo quando o assunto era sexo. Por isso era fácil trocar ideias com ela. Nas poucas vezes em que conversamos, o papo fluíu como se eu estivesse falando com um dos meus amigos.

— O de sempre. Elas não resistem a mim. Não tenho culpa — brinquei.

Raquel sorriu. Apoiei os cotovelos no balcão e observei enquanto atendia alguns clientes. Era muito bonita. Do tipo mulherão, sabe?! Cabelos cacheados, pele morena, corpo torneado, alta e muito sensual. O fato de gerenciar um bar a deixava ainda mais sexy. Quase todos os homens da cidade tiveram uma queda por Raquel quando ela chegou, mas, depois de um tempo, perceberam que ela não era mulher para a maioria deles.

Observando a morena, minha mente foi inundada pela lembrança do beijo que dei na madrinha da Pietra.

Sílvia... Era esse o seu nome.

Depois do beijo delicioso, fomos chamados para tirar fotos com os noivos. Acabei perdendo-a de vista e fui embora sem me despedir. Melhor assim, a situação com meu pai já estava insustentável e, se aparecesse com a Sílvia, ficaria ainda pior.

Terminei a cerveja e decidi não beber mais. Paguei a conta e me despedi da Raquel com um aceno. O bar começava a encher e eu não estava em um bom dia para socializar.

Precisava decidir que rumo dar à minha vida. Faria a vontade do velho e me anularia, assim como minha mãe fizera? Ou deixaria tudo para trás, carregando para sempre a culpa que ele insistia em jogar em cima de mim?

Estava confuso. E tinha medo de não ser capaz de escrever minha própria história.

— Quem foi que contou pra ele, Carlito?

Eu estava tentando arrancar a verdade do dono da oficina. Ele era um homem de uns cinquenta anos, cabelos brancos, que sempre mantinha uma expressão bem séria.

Assim que cheguei à cidade, ajudei a consertar minha própria caminhonete, já que Carlito estava sem funcionários. Uma semana mais tarde, depois de uma briga com meu pai, corri para a oficina e perguntei se tinha algo em que eu pudesse descarregar minha raiva. Nesse dia, pus um Fusca antigo para rodar. Fiquei orgulhoso de mim, mesmo que não pudesse contar a ninguém. Nas semanas seguintes, trabalhei em um Chevette, depois em uma Saveiro. Assim passei vários dias dos últimos anos, escondido no barracão atrás da oficina.

Carlito cuspiu no chão e secou as mãos em um pano encardido que tirou do bolso.

— Não sei quem contou, mas eu não podia negar. — Ele se desculpava com o olhar. — Porra, cara, é o coronel! — concluiu, como se aquilo explicasse tudo.

E talvez explicasse mesmo, porque meu pai era tratado como coronel e estava acostumado a saber de tudo o que lhe interessava.

— Ele te aperreou muito? — perguntou, preocupado.

— O mesmo de sempre.

Eu me deitei no carrinho e forcei os pés para ir até debaixo de uma caminhonete D-20. Enquanto trabalhava nela, escutava a voz do Carlito.

— E você vai parar?

— Não. Não vou dar esse gostinho a ele.

A oficina estava silenciosa e só se ouvia o cacarejo de algumas galinhas. Sons do interior, estava acostumado com eles.

Apertei algumas porcas, colocando as peças de volta no carro, e deslizei para fora. Carlito ainda me encarava, e eu sabia o que temia: perder seu melhor ajudante. Mais ainda: o único.

— Se eu fizer isso, vou entregar as rédeas pra ele. Meu pai sabe que

não teria outra opção a não ser assumir a fazenda. Ele quer me encurralar, me deixar sem emprego pra me forçar a fazer o que ele quer — expliquei, mas Carlito coçou a cabeça como quem não estava entendendo nem um pouco.

— Não vejo como isso pode ser ruim. Você é um dos caras mais ricos que tem na cidade. Aliás, até hoje me pergunto o que tá fazendo aqui se sujando de graxa pra ganhar míseros trocados — desabafou.

Seu comentário não me espantava.

— Você realmente não entenderia.

Aos olhos de muitos, assumir um império seria maravilhoso. Mas não para mim. Tudo o que meu pai possui custou muito caro. Minha infância, minha adolescência, minha liberdade. A beleza, a juventude e, por fim, a vida da minha mãe. Não estava disposto a dar mais nada a ele.

Como se pressentisse que estava falando naquele assunto, o celular tocou e, para meu azar, o nome do coronel piscou na tela do aparelho. Levantei para atender a ligação.

— Fala, pai — cumprimentei, sem conseguir esconder a raiva que sentia por saber que ele bisbilhotava minha vida.

— *Fala, pai?* Cadê seus modos? A educação que sua mãe te deu? Isso é jeito de falar comigo, seu moleque insolente?

Sério? Hoje ele tinha começado cedo, não era nem meio-dia.

Eu me afastei para que Carlito não ouvisse mais do que deveria. Respirei fundo algumas vezes para não mandar meu pai à merda e, depois de longos segundos tentando me acalmar, respondi.

— Desculpa. Posso ajudá-lo?

Encostei a testa na parede, abri e fechei os dedos da mão várias vezes, na tentativa de manter o controle. Já esperava pela próxima ordem, porque ele nunca fazia um pedido. Só sabia mandar.

— Bem melhor — respondeu, satisfeito. — Preciso ir a um leilão. Esteja pronto em vinte minutos. Não estou em condições de dirigir.

— O senhor tá brincando, né?

Que porra é essa? Dessa vez, a ordem veio com hora marcada.

— Não, não estou. Vinte minutos, Henrique.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, o telefone ficou mudo.

Olhei incrédulo para o visor do celular, que piscava “chamada finalizada”, e fiquei ainda mais puto.

Andei de um lado para o outro dentro da oficina, pensando se iria ou não levá-lo. Estava estressado demais com aquela situação e não via como me livrar dela.

Peguei as chaves sobre o balcão e me despedi do Carlito. Entrei na caminhonete e soquei o volante com toda a raiva. Estava perdendo as forças para lutar, e tudo indicava que me daria por vencido naquela batalha.

Precisava de algo que mudasse a minha vida por completo.